



Estação de frequência modulada da rede alternativa de radiodifusão: Antonio Isaias Antunes Pereira fala sobre as rádios livres sorocabanas Columbia e Rádio Atividade

Modulated frequency station of the alternative radio broadcasting network: Antonio Isaias Antunes Pereira talks about free radio stations Columbia and Rádio Atividade

Estación de frecuencia modulada de la red de radiodifusión alternativa: Antonio Isaias Antunes Pereira habla sobre estaciones de radios libres Columbia y Rádio Atividade

Felipe Parra - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo | São Paulo | São Paulo | Brasil | felipe.parra@usp.br | <https://orcid.org/0000-0002-4160-3065>.

Luciano Victor Barros Maluly - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo | São Paulo | São Paulo | Brasil | lumaluly@usp.br | <https://orcid.org/0000-0002-2630-8922>.

Resumo: As rádios livres oferecem a oportunidade para pessoas comuns assumirem o papel de programadores, locutores ou DJ's. Assim, o sujeito participa ativamente de estação de rádio sem a presença de um especialista. Tal tendência chegou à cidade de Sorocaba/SP e, na década de 1980, o município contava com mais de 100 rádios livres no ar. A importância dessa ação é descrita em alguns registros acadêmicos. Contudo, nota-se que as informações são vagas ou incompletas. Nesta entrevista, Antonio Isaias Antunes Pereira fala sobre sua participação nesse movimento que emergiu no interior paulista. O intuito dessa ação se foca em coletar dados para tentar traçar um panorama sobre esses meios alternativos de comunicação. A entrevista foi realizada na cidade de Sorocaba, em 17 de abril de 2019, por meio de perguntas semiestruturadas.

Palavras-chave: Rádios livres sorocabanas. Rádio Columbia. Rádio Atividade.

Abstract: The free radios offers people the opportunity to assume the role of programmers, broadcasters or DJ's. Thus, the subject actively participates in a radio station without the presence of a specialist. This trend has arrived in the city of Sorocaba/SP and, in the 1980s, the municipality had more than 100 free radio stations on the air. The importance of this action is described in some academic records. However, it is noted that the information is vague or incomplete. In this interview, Antonio Isaias Antunes Pereira, talks about his participation in this movement that emerged in the interior of São Paulo. The purpose of this action focuses on collecting data to try to draw an overview of these alternative means of communication. The interview was conducted in the city of Sorocaba, on April 17, 2019, through semi-structured questions.



Keywords: Sorocaba's free radios. Columbia Radio. Rádio Atividade.

Resumen: la radio libre ofrece la oportunidad para que la gente común asuma el papel de programadores, locutores o DJ's. Por lo tanto, el sujeto participa activamente en una estación de radio sin la presencia de un especialista. Esta tendencia llegó en la ciudad de Sorocaba/SP y, en la década de 1980, el municipio tenía más de 100 estaciones de rádios libres en el aire. La importancia de esta acción se describe en algunos registros académicos. Sin embargo, se observa que la información es vaga o incompleta. En esta entrevista, Antonio Isaias Antunes Pereira, charla sobre su participación en este movimiento que surgió en el interior de São Paulo. El propósito de esta acción se centra en recopilar datos para tratar de obtener una visión general de estos medios alternativos de comunicación. La entrevista se realizó en la ciudad de Sorocaba, el 17 de abril de 2019, a través de preguntas semiestructuradas.

Palabras clave: Radios libres de Sorocaba. Radio Columbia. Rádio Atividade.

Imagem 1 - Antonio Isaias Antunes Pereira



Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado.

Antonio Isaias Antunes Pereira começou a se envolver com o movimento das rádios livres sorocabanas em 1982 com a rádio Columbia. A partir de 1986, a emissora independente passa a se chamar Rádio



Atividade. Ao todo, o instrutor aposentado propagou por 14 anos suas ideias e gostos musicais pelo espaço eletromagnético.

De acordo com Arlindo Machado, Caio Magri e Marcelo Masagão (1986), as rádios livres são radiodifusoras clandestinas geridas e operadas por radioamantes. Essa forma de se fazer rádio chega em Sorocaba/SP por volta de 1976. Os proprietários dessas iniciativas eram sujeitos insatisfeitos com a programação das rádios convencionais FM.

No verão de 1982, o município contava com mais de 100 rádios livres no ar. De acordo com Marisa Aparecida Meliani Nunes (1995), essa atividade foi a mais positiva expressão do prazer em fazer rádio. Assim, as pessoas usavam o espaço eletromagnético para difundir suas próprias ideias e gostos musicais.

Esse movimento das rádios livres sorocabanas adquiriu notoriedade e reconhecimento em diversas partes do mundo. Tal ação foi de suma importância para o desenvolvimento da comunicação radiofônica no Brasil (MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, 1986).

Para levantar mais informações sobre esse produtivo período, opta-se por utilizar a história oral temática (MEIHY, 2002) e entrevistas semiestruturadas (TORRES, 2006) como metodologias de investigação. Tal esforço tenta preencher as lacunas que existem sobre a história dessas emissoras clandestinas brasileiras.

A entrevista com o Antonio Isaias Antunes Pereira foi realizada na cidade de Sorocaba, em 17 de abril de 2019, por meio de perguntas semiestruturadas. Na oportunidade, o entusiasta do rádio falou sobre o medo da fiscalização por parte do Departamento Nacional de Telecomunicações (DENTEL), as motivações que encorajavam as pessoas a possuir uma radiodifusora ilegal, as amizades conquistadas durante o movimento das rádios livres sorocabanas, as apropriações da tecnologia, o uso de linguagem radiofônica e o amor por esse meio de comunicação alternativo. O intuito dessa atividade se concentra em coletar dados que



auxiliem na produção de um panorama acerca dessas iniciativas independentes.

FELIPE PARRA (F.P.); LUCIANO VICTOR BARROS MALULY (L.V.B.M.): Gostaríamos de saber um pouco sobre sua trajetória e como foi sua experiência com as rádios livres sorocabanas.

ANTONIO ISAIAS ANTUNES PEREIRA (A.I.A.P.): Sou conhecido como Tony Granati e nasci em Minas Gerais, em Piraguçu. Sempre trabalhei com móveis de madeira nas funções de montador ou instalador de cozinha e armários embutidos. Depois fui ser instrutor no SENAI. Ministrei o curso de cem horas. Era emitido certificado de marceneiros. Acabei me aposentando nessa profissão. Também cantava já. Comecei com a rádio em 1982 e fui até 1996. Mas durante esse tempo, a emissora mudou de nome. De 1982 a 1986, a rádio se chamava Columbia. No final de 1986 foi realizada a instalação do Centro Experimental Aramar em Iperó, município próximo da cidade de Sorocaba¹. Devido a isso, mudei o nome para Rádio Atividade. Uma alusão aos materiais radioativos lá de Aramar. Quando foi feita a mudança, também alterei a frequência da rádio. A rádio Columbia operava na frequência de 102,3 MHz. Na Rádio Atividade mudei para 90,1 MHz. Em 1995, um rapaz veio conversar comigo. Ele tinha se desligado da rádio Cacique FM e queria montar uma rádio comunitária comigo. Nesse período, mudamos para rádio Digital FM. Fiquei sete meses com essa emissora, mas começamos a nos desentender. Aí vendi a minha parte.

(F.P.); (L.V.B.M.): A rádio Digital FM era uma iniciativa comunitária legal?

(A.I.A.P.): Não, nós a chamávamos de rádio comunitária. Estávamos tentando legalizar a iniciativa como uma rádio comunitária. Fora as minhas

¹ Tal complexo faz parte do programa de nuclear brasileiro junto com Angra 1, Angra 2 e Angra 3 (KURAMOTO, APPOLONI, 2002).



rádios tinha várias outras que queriam ser comunitárias. Contudo, o governo queria disponibilizar somente uma frequência para todas as rádios comunitárias, a 105,9 MHz. Aí ficava muito ruim para todo mundo.

(F.P.); (L.V.B.M.): Qual era o estilo de música que tocava na rádio Columbia e depois na Rádio Atividade?

(A.I.A.P.): A rádio Columbia era bem eclética, tocava de tudo um pouco. Desde sertanejo até clássico. Quando queria cantava karaokê na rádio. Tenho, graças a Deus, esse dom de cantar. Frequentemente canto em jantares italianos. Troquei o microfone do rádio pelo microfone da música. Sem microfone não ficava. A Rádio Atividade tocava mais músicas americanas, um samba etc. Nunca desejei tocar funk, ou qualquer coisa assim. Músicas mais elegantes.

(F.P.); (L.V.B.M.): Como conseguiu o transmissor para a rádio Columbia?

(A.I.A.P.): Pedi para o dono da rádio Estrôncio o primeiro transmissor. Porém, ele me passou um esboço muito rudimentar. Um amigo que conhecia de eletrônica tentou montar, mas não conseguiu. Na época havia as rádios Estrôncio, Spectro, Alpha 1, Star, Sensation, NN etc. Aí o dono da rádio NN montou um sistema chamado 2n2222. Era um circuito muito simples. Consistia em um transístor que oscilava, alguns capacitores e resistências. Colocávamos esse circuito em 12 volts. Depois descobrimos que se aumentássemos a voltagem da fonte, o transístor esquentaria mais e dissiparia. Assim, a transmissão da rádio chegaria mais longe. A área de cobertura da emissora era muito maior. Para ajudar, tive a felicidade de me mudar para um bairro alto de Sorocaba nessa época. Sendo assim, com o transístor 2n2222 alimentado por uma fonte de 24 volts, era possível ter um sinal muito próximo das rádios profissionais. Depois disso, conheci um amigo paranaense que trabalhava com radares. Ele montou um circuito que ia de 88 a 108 MHz. Foi usada uma a botina do próprio rádio para conseguir



uma abrangência maior ainda. A Rádio Atividade ficava localizada na Vila Jardini, em Sorocaba. Com essa melhora, a transmissão começou a chegar até a entrada da cidade de Itu.

(F.P.); (L.V.B.M.): A rádio Columbia funcionava onde?

(A.I.A.P.): Aqui no Jardim Magnólia, em Sorocaba. Era nos fundos da minha casa. Em um barracão antigo. Estamos a 600 metros da altura do mar. Então é uma localização bem privilegiada para o rádio. Os donos de rádios piratas tinham essas iniciativas para conversarem entre si. Não era para tocar música. Conseguíamos fazer uma transmissão onde era possível falar e responder ao mesmo tempo. Como se fosse o telefone hoje. Conversávamos pela rádio pirata. Isso incomodava as pessoas, pois tinha gente que falava muita besteira. Mas a Columbia era uma rádio que tinha uma programação séria. Uma vez meu irmão me perguntou: “Por que você para de tocar música na hora que acaba a Voz do Brasil² e fica conversando com seus amigos? Por que não continua a tocar música? Estou te ouvindo e, subitamente, você passa a conversar com os donos das outras rádios”. Depois disso, comecei a pensar na possibilidade de tocar só música. Minha idade era de 35 anos na época. Os donos das outras rádios tinham em torno de 15, 16 anos. As conversas não combinavam. Aí perdi a vontade de falar na rádio e comecei a fazer uma programação com músicas, vinhetas, etc.

(F.P.); (L.V.B.M.): Qual era a razão de ser dessas rádios? Por que suas emissoras clandestinas existiam?

(A.I.A.P.): Porque sempre gostei de microfone. Fui locutor de várias quermesses. As pessoas me falavam que minha voz era boa. Devido a

² No Brasil, havia o interesse do Estado brasileiro pelo rádio como veículo pedagógico. Devido a isso, Getúlio Vargas utiliza o rádio para divulgar ideias trabalhistas. Em 1934, ele institui a obrigatoriedade de retransmissão em cadeia de rádio o noticiário radiofônico estatal A Voz do Brasil, com a produção do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural. (NUNES, 1995).



isso, tentaram me arrumar um emprego na rádio Cacique FM. Na época tinha falecido um locutor famoso em Sorocaba e estavam precisando de novas vozes. Fui fazer o teste, mas uma certa pessoa inviabilizou isso. Quando vi a possibilidade de montar um transmissor caseiro, não pensei duas vezes para fazer minha própria rádio. Isso foi uma espécie de bronca por não ter trabalhado na rádio comercial. Com o tempo peguei gosto pelo rádio, pela comunicação. Depois de mexer com rádio pirata, comprei outros equipamentos como PX, rádio amador, entre outros. Eu me comunicava com pessoas da Argentina, Itália, vários países. Além do nordeste do Brasil, sul etc.

(F.P.); (L.V.B.M.): Pela sua fala, nota-se que as rádios livres sorocabanas nunca pararam de existir. Estamos certos?

(A.I.A.P.): Até hoje elas existem. Não estou mais envolvido, mas acredito que tenha muitas. Fiquei com a minha até 1996. Depois de 6 meses que parei de me envolver com rádios piratas, o Departamento Nacional de Telecomunicações (DENTEL) veio e lacrou a rádio. Vendi minha parte pouco antes disso ocorrer. Minha mulher era advogada e foi ela que me fez parar de me envolver com emissoras clandestinas. Era perigoso e infringia as leis. Depois de muito tempo, creio que em 2009, algumas pessoas que trabalhavam para a Comunicação Telefônica para Microempresa (MiniCom) foram até minha casa. Eles receberam uma denúncia que em minha casa operava uma rádio pirata. Quem os atendeu foi minha mulher. Ela disse que a fiscalização tinha se atrasado 10 anos. Ao verificar a casa, os funcionários constataram que não tinha nada de irregular.



(F.P.); (L.V.B.M.): Alguma pessoa veio entrevistá-lo na época?

(A.I.A.P.): Nunca. Uma vez um camarada que era do livro³ tentou me entrevistar, não me lembro o nome dele. Quem o trouxe até minha casa foi o dono da rádio pirata Studio FM. Não o recebi, pois estava trabalhando na ocasião. Aí eles falaram que a rádio era eclética, que tocava muitos estilos de música. Se estivesse em casa nessa oportunidade, não o atenderia. Tinha muito medo da polícia federal, da DENTEL. Muitos amigos meus que tiveram rádio na época têm medo até hoje. Tanto que alguns deles não querem ser entrevistados. Mesmo sendo uma pesquisa acadêmica. O medo que pairava naquela época ainda persiste. Já se passaram mais de trinta anos, mas o medo ainda está lá. Isso tudo já é passado e não fazíamos nada de errado. Errado foi invadir um espaço que o governo achava que era dele. Não tinha interferência em avião porque são frequências diferentes. Minha idade era de 35 anos quando comecei com rádio pirata. Hoje estou com 71. Acho que sou o mais velho membro desse movimento. O pessoal já me chamava de vovô na época. O único que deu entrevista sobre o tema foi o Claudio José Dias Batista, da rádio Voyage, para o jornal O Cruzeiro do Sul.

(F.P.); (L.V.B.M.): Houve participação sua no processo de legalização das rádios livres de Sorocaba?

(A.I.A.P.): A gente tentou. Nós fazíamos os encontros dos rádios piratas. Todos iam com muito medo. Vários locais eram nossos pontos de encontro. Geralmente a gente se encontrava na Concha Acústica de Sorocaba, do lado do Mosteiro de São Bento. Também íamos em uma lanchonete chamada Salchichón.

³ O livro citado por se chama Rádios livres: reforma agrária no ar, de Arlindo Machado, Caio Magri e Marcelo Masagão, lançado em 1986.



(F.P.); (L.V.B.M.): Há algum áudio da rádio Columbia e da Rádio Atividade remanescente da época?

(A.I.A.P.): Tenho as vinhetas da rádio Columbia até hoje. Também tenho um áudio da programação que gravei para o meu amigo da rádio Tropical FM. Fiz algumas locuções na rádio dele. Com a Tropical FM foi interessante. Estava conversando pelo rádio com meu amigo da Studio FM e pedi uma varredura do dial. Uma forma de ver se tinha alguém na frequência. Ao fazer isso, meu colega achou uma pessoa por volta do 107 MHz chamando: “Columbia! Columbia! Columbia”! Conversei com o rapaz dessa frequência e ele me disse que tinha comprado um transmissor pronto chamado BF. Esse aparelho foi amarrado na ponta de um bambu e colocado o mais alto possível para fazer a programação. Nos encontramos no centro de Sorocaba. Ele me parabenizou pela rádio e disse que ela pegava muito bem no Rio Acima, um dos bairros mais altos da cidade de Votorantim. Ficamos amigos e montei um transmissor para essa rádio. O aparelho em questão existe até hoje. Essa rádio depois se tornou comunitária, mas o afastaram da atividade. A emissora existe até hoje lá no Rio Acima.

(F.P.); (L.V.B.M.): Esses áudios foram divulgados como registro histórico das rádios livres sorocabanas?

(A.I.A.P.): Não. Esse material sempre ficou circulando somente entre amigos.

Lembrei de um fato. Teve uma vez, um rapaz chegou na minha casa alegando que tinha uma boa voz para rádio e queria muito trabalhar em uma rádio profissional. O problema é que esse sujeito precisava gravar uma demo e não tinha onde fazer isso. Ele me pediu para emprestar o equipamento da Rádio Atividade para gravar esse material. Seria no máximo meia hora de gravação. Eu o ajudei com prazer. Coloquei uma música de fundo e gravei a locução do garoto. Isso foi por volta de 1988. Depois de um tempo, fui visitar a rádio comercial Ativa FM. Ela só tocava sertanejo. Quando entrei no estúdio, reparei que o locutor era o rapaz que



ajudei. Fui recebido com a seguinte frase: "Pelo amor de Deus! Não acredito que você está aqui! Se sou locutor hoje, devo a esse cara"! Fui muito elogiado. Hoje esse cara tem uma empresa que produz propagandas para serem veiculadas em carros de som. Ele não foi pirata. Somente fez o curso de radialista e foi tentar fazer carreira no ramo. O rapaz tinha mesmo uma voz muito boa para o rádio.

(F.P.); (L.V.B.M.): Havia amizade entre os donos de rádios livres?

(A.I.A.P.): Desenvolvi mais amizade com os dois donos da Studio FM. Um deles falava muita besteira na rádio. No final da programação, sempre tinha a provocação: "Aí garotão, você que está aí. Um beijo na sua bunda"! Uma referência desbocada à famosa locução "um sopro nos seus cabelos" do Zé Bettio. Eu o avisava para não fazer aquilo. Ele retrucava: "Não, faço sim! Sou rebelde"! Ambos proprietários da Studio FM eram estudantes de engenharia elétrica ou eletrônica na Faculdade de Tecnologia de Sorocaba (Fatec). Faz muito tempo que não os vejo. Cerca de uns 7, 8 anos.

(F.P.); (L.V.B.M.): Na comunidade acadêmica, especula-se que houve um professor que ensinou as pessoas a construírem um transmissor (COSTA, 2010). Isso é verdade?

(A.I.A.P.): Acho que pode ter ocorrido com os donos da Spectro FM. Acho que passaram um circuito para eles. Então, como estudavam engenharia e essas coisas de eletrônica, acharam fácil de montar. Mas depois surgiu o esquema de um transmissor italiano. Esse era duro de regular, pois tinha vários componentes. O aparelho tinha entrada de áudio, a potência, uma botininha e um transistor 3553, se não me engano.

(F.P.); (L.V.B.M.): As rádios livres fora do país como as rádios livres italianas, as francesas, etc. eram conhecidas em Sorocaba?

(A.I.A.P.): Não, só ouvíamos falar.



(F.P.); (L.V.B.M.): Havia algum posicionamento ou discurso político que era transmitido na rádio?

(A.I.A.P.): Nunca. Sempre fui neutro com política. Era época da ditadura. Então a gente sabia "o mato que a gente lenhava". Não me metia à besta.

(F.P.); (L.V.B.M.): Houve outras pessoas envolvidas na programação das suas rádios?

(A.I.A.P.): Trouxe a rádio Columbia para o Jardim Magnólia em 1983. No final de 1984, três rapazes me procuraram para falar na rádio. Dei a chance que me pediram. Um começava às 19:00, o outro às 20:00 e o último às 21:00. Minha função era fazer a programação das 22:00. Então, na minha rádio, passaram três locutores. Somente um deles conseguiu seguir a profissão e ser locutor na rádio Cacique FM. Ele trabalhou lá uns 7, 8 anos, mas agora parou.

(F.P.); (L.V.B.M.): Foram realizadas entrevistas nas suas rádios?

(A.I.A.P.): Não, mas fiz uma brincadeira na época da rádio Columbia. A Roberta Miranda fez um vinil onde ela respondia algumas perguntas simples e genéricas feitas por um entrevistador. Essas perguntas também vinham escritas no encarte. Uma locutora da Cacique FM me emprestou esse disco. Então, como minha aparelhagem era profissional, era possível manipular o som. Quando o entrevistador ia falar, era o momento de pausar e gravar a minha voz fazendo a mesma pergunta. Depois tocava a voz da Roberta Miranda respondendo normalmente. Gravei essa edição e coloquei no ar. As pessoas ficaram impressionadas, pois acharam que a Roberta Miranda tinha ido até a minha rádio. Essa foi uma coisa meio inédita naqueles tempos. Para vocês verem que no rádio nada é muito real. Como também penso que os sorteios também não são reais. Havia sorteios nas minhas rádios. Dava discos mesmo e ia conhecer os ganhadores pessoalmente.



(F.P.); (L.V.B.M.): Como os ganhadores dos sorteios entravam em contato?

(A.I.A.P.): Pelo telefone. Era loucura dar o telefone da minha própria casa. Mas o negócio foi pensado para ser profissional. Ninguém pensava em me entregar para a polícia. Porque minha rádio não era bagunça. Era uma programação boa, com ótimas músicas. Minhas rádios eram concorrentes das rádios comerciais.

(F.P.); (L.V.B.M.): Havia alguma propaganda na sua rádio. Se sim, já recebeu dinheiro por isso?

(A.I.A.P.): Pior que sim. Creio que fui o único pirata que recebeu dinheiro. Em Sorocaba tinha uma pizzaria que se interessou em fazer propaganda na Rádio Atividade. O dono me chamou para conversar. Ele me perguntou o preço para fazer propaganda da pizzaria na minha rádio das 7:00 às 23:00. Quando falei o preço, recebi a resposta: "Claro, é metade do que pago para os músicos tocarem aqui na pizzaria"! A rádio falava exclusivamente da pizzaria durante toda a programação.

(F.P.); (L.V.B.M.): Mesmo fazendo propagandas e falando abertamente o telefone de contato da rádio, o DENTEL nunca foi atrás das suas rádios?

(A.I.A.P.): Nunca. Acho que foi sorte. Mas na época da rádio Digital FM, na avenida General Osório, começou a incomodar, pois o sinal era forte. Fora essa rádio tinha outra emissora clandestina chamada Ilha FM. Essa era do meu antigo sócio da Digital FM. Ele fez um estúdio para a Ilha FM e me convidou para ajudar. Colocamos caixinhas de ovo nas paredes para dar uma acústica melhor para a voz. O que faz a voz ficar boa no rádio são as espumas que são colocadas no estúdio. Quando fizeram o estúdio da atual Band FM, um conhecido me levou lá para falar dentro do estúdio. A diferença era enorme. A voz cresce por causa da acústica.



(F.P.); (L.V.B.M.): Houve o cuidado de fazer o mesmo procedimento nas suas rádios para ter uma boa acústica?

(A.I.A.P.): Não. Uma vez estava na minha casa conversando com um amigo pela rádio pirata quando passou um avião muito perto. O som do motor vazou para a transmissão. Ao ouvir esse barulho, o outro dono de rádio pirata me disse: "Agora sei onde é a sua rádio! O avião denunciou você"!

(F.P.); (L.V.B.M.): Há alguma outra história que queira contar sobre sua experiência com as rádios livres?

(A.I.A.P.): Teve uma época que a polícia pegou uma rádio pirata chamada Centauro FM. Não era a rádio do Claudio⁴, era outra pessoa. Essa Centauros FM falava muita besteira. Ficava perto da Santa Casa de Sorocaba. Dizem que fizeram um terror com o dono dessa rádio. Quando isso ocorreu, vieram avisar as outras rádios. Todos nós desligamos as rádios. Tirei o cabo fora. Fiquei uns dois 2 dias sem ligar a rádio, mas não aguentei. No final de semana, liguei somente a bobina, sem a antena, só para fazer a programação. O vício em rádio era tão grande que não media as consequências. Era um grande tédio se a emissora não estivesse no ar. Uma amiga minha da rádio Morena FM veio até a minha casa e falou: "Ô Columbia! Você está louco?! Sua rádio está ligada e a DENTEL está na cidade! Seu sinal é forte, mesmo sem antena"! Na época não usávamos nossos nomes reais. Era somente o nome da rádio. Então Columbia se tornou meu apelido. Depois desse acontecimento, fiz um teste. Liguei somente a bobina novamente, peguei um rádio portátil, sintonizei na rádio Columbia e fui andar por Sorocaba para ver até onde pegava. Constatei que a abrangência era muito grande por causa da altura da minha casa.

⁴ No início do movimento das rádios livres sorocabanas, Claudio José Dias Batista fundou a rádio Centauros 2001. Pouco tempo depois, o nome da emissora clandestina mudou para rádio Voyage (PARRA; MALULY, 2019).



(F.P.); (L.V.B.M.): É a primeira vez que ouvimos falar sobre uma mulher que tinha uma rádio livre em Sorocaba.

(A.I.A.P.): Ela era parente do dono da rádio NN. Assim, a Morena FM teve o transmissor montado por outro proprietário de rádio pirata. Na época foi a única emissora clandestina operada por uma mulher. Isso foi em meados de 1984. Porém, ela mudou de casa. Foi de um bairro alto para um local baixo. Aí ela se desinteressou. A Morena FM era uma rádio só para conversar, para ter um contato com os outros donos de rádios livres. Como se fosse a internet hoje em dia. Outra rádio da época que tinha essa mesma proposta era a Romeu FM.

(F.P.); (L.V.B.M.): As suas rádios tinham logotipos e/ou camisetas de divulgação?

(A.I.A.P.): Fiz camisetas. Tinha um rapaz que deixou uma carta na minha caixa de correio. A carta dizia que o sujeito era um grande fã da rádio. Gostava muito da minha voz e queria me encontrar para falar sobre a rádio. Combinamos um dia e ele me disse que poderia fazer algumas camisetas da Columbia FM, pois trabalhava em uma empresa de serigrafia. Foram feitas as estampas. Meu sobrinho vestiu a camiseta e foi abordado por uma pessoa que queria saber onde era a rádio para denunciar. Depois soube que essas camisetas eram obtidas sem o consenso do dono da empresa e parei de fazer. Isso poderia complicar a minha vida. Na verdade, o rapaz das estampas queria ter sua própria rádio. Montei um transmissor e o presenteei. Fiz a montagem de transmissores para muita gente.

(F.P.); (L.V.B.M.): Como era a negociação para montar esses transmissores?

(A.I.A.P.): Pedia para as pessoas comprarem as peças no Torres, uma loja na rua Sete de Setembro, em Sorocaba. Cheguei a montar uns 20 transmissores. Isso tudo foi depois de 1984. Depois veio uma tecnologia



mais nova e o pessoal se desinteressou. O transístor fazia um sinal na faixa do FM. Ele tinha um capacitor que se colocasse som, tocava. Aliás, fui começar a tocar CD na minha rádio no final de 1989, na Rádio Atividade. Meu equipamento era muito bom: mesa, toca discos, tape deck, sintonizador, amplificador etc.

(F.P.); (L.V.B.M.): Ainda existe a vontade de montar uma rádio atualmente?

(A.I.A.P.): Um amigo meu que é dono de algumas lojas de perfume me incentivou a montar uma rádio web. Esse colega queria uma rádio para divulgar perfumes. Hoje é mais fácil de operar uma rádio. Tudo pela internet. Porém, com o rádio, perdi a vontade. Meu negócio hoje é cantar. É o que gosto de fazer. Canto desde música raiz até romântica. Eu me apresento em uma casa de massa italiana há 10 anos.

(F.P.); (L.V.B.M.): E qual era a sensação de fazer rádio na década de 1980?

(A.I.A.P.): Minha mulher sempre me perguntava o motivo da minha fascinação pelo rádio. Para mim era uma paixão. Eu me realizava quando falava no microfone. Na época a timidez atrapalhava um pouco. Pelo rádio havia a possibilidade de me expressar.

Referências

COSTA, Mauro Sá Rego. Rádios Livres e rádios comunitárias no Brasil. **Revista Periferia**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 1-13, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/3444>. Acesso em: 14 abr. 2018.

KURAMOTO, Renato Yoichi Ribeiro; APPOLONI, Carlos Roberto. Uma breve história da política nuclear brasileira. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 379-392, 2002. Disponível em:



<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/6612>. Acesso em: 20 abr. 2019.

MACHADO, Arlindo; MAGRI, Caio; MASAGÃO, Marcelo. **Rádios livres: reforma agrária no ar**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

NUNES, Marisa Aparecida Meliani. **Rádios livres**. O outro lado da voz do Brasil. 1995. 87 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

PARRA, Felipe; MALULY, Luciano Victor Barros. Rádios livres sorocabanas: o depoimento de Cláudio José Dias Batista sobre a rádio Voyage. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, v. 45, n. 1, p. 211-220, 2019. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/reu/article/view/3683>. Acesso em: 10 dez. 2019.

TORRES, César Augusto Bernal. **Metodología de la investigación: para administración, economía, humanidades y ciencias sociales**. Bogotá: Pearson Educación, 2006.